A Crise Humana

Fábio Portugal Sorrentino

Como não sentir medo ao pensar na complexa construção do indivíduo, sonhando tutorar um, seja como educador, pai ou mãe? Tudo o que fizer, ensinar, falar, proibir, liberar, ordenar, demonstrar, tudo pode influir nesta construção. E influir como?

É precisamente nesta pergunta que reside o medo. Educando com um fim em mente, educar como construção do indivíduo. Mas que indivíduo queremos construir? Cabe a nós responder esta pergunta? Será, minha resposta revolucionária, revolucionária para essa criança, que terá minha idade daqui 20 anos? E, se não, como educar sem um fim em mente?

É na compreensão destes questionamentos, ao meu pensar, que se constrói a Pedagogia da Emancipação. Educar tendo, como fim, não a construção de especificidades no indivíduo, ou características conscientemente ensinadas. Mas para que se emancipem, para que se apoderem da construção individual e coletiva de seus mundos, do mundo em que todos vivemos.

Hannah Arendt pensa essa educação emancipatória como único meio de formar crianças que enfrentarão de maneira realmente revolucionária as crises que se apresentam.

Ela entende duas funções da escola: assegurar às crianças uma abertura gradual e respeitosa do ambiente privado (família) ao público (mundo), e trabalhar com elas um ensino conservador e tradicional.

A criança vive os primeiros anos de sua vida protegida no berço da família. Nessa segurança do conhecido e de fortes laços amorosos, constrói sua identidade.

A escola é seu primeiro contato com o mundo longe dessa segurança. Ela se propõe a fazer a difícil intermediação entre o berço privado e o mundo público.

Esse delicado papel de intermediação pode ser feito, é claro, terrivelmente errado. Segundo Arendt, não se compreendendo o cuidado que deve ser tomado com a formação da identidade da criança, e a tratando como miniatura de adulto. Deixando-as sozinhas, por exemplo, relacionando entre si.

São atropelados alguns passos essenciais na formação do ser, que deveriam acontecer na segurança do ambiente privado, e na segurança maior ainda do ambiente escolar (assegurada pelo educador). A relação entre crianças desconhecidas força a primeira relação séria “eu e o outro”, quando o outro é alguém desconhecido e muito parecido – com a mesma idade.

Como o “eu” se relaciona com o mundo é através da personalidade. Talvez a crítica de Arendt seja, então, forçar o desenvolvimento da personalidade antes que a identidade esteja minimamente consolidada. A construção de “quem ela é com o mundo”, e como ela o é, precisaria acontecer após a construção de “quem ela é”.

Hannah Arendt traz o educador como o adulto que assume a responsabilidade de apresentar o mundo à criança, e de prepará-la para essa convivência. Essa responsabilidade ela chama de autoridade. O educador precisa da autoridade de se reconhecer como parte do mundo, e como responsável pelo que ele é. Ele representa ali, para a criança, todos os adultos. Todos os responsáveis pelo mundo que a criança irá conhecer, e se tornar, um dia, igualmente responsável por suas mudanças.

O conservadorismo na vida política é a destruição. Na educação, é proteção.

O conservadorismo é necessário à educação.

Admitida a mutabilidade do mundo, a esperança que ele não caia em ruínas está no novo. Pois apenas o novo pode dar soluções a mudanças que ocorrem no presente, e soluções realmente revolucionárias, que melhorem o mundo. Arendt vê o fim dessa esperança quando o educador tenta instruir como a criança deve viver no mundo. Quando ensina não o que o mundo é, mas o que ele pensa que deveria ser, e como deveria vir a ser. Quando ensina seus sonhos, suas ideias.

Para a criança que está no processo de vir a ser, que é nova e pode trazer o novo, esses sonhos e ideias são velhos. Na formação de sua identidade, dos valores morais, dos sonhos e ideais, a criança não nega o velho, pois sua construção não é consciente. Ela absorve o velho, que corromperá sua capacidade de abstrair o novo. A criança será, então, apenas mais uma velha.

O conservadorismo na educação ensina à criança - e a educa - sobre o mundo, com esse cuidado. O educador deve amar o mundo para se sentir responsável por ele, e assumir a autoridade de apresentá-lo como o é para as crianças, resistindo à sedução de suas ideias revolucionárias de como viver, seus sonhos de utopia.

Apesar da construção inicial e essencial da identidade ser no berço (família) – e depois na escola – e de nesse processo ser construído seus valores morais, sua personalidade, quem ela é e sua relação com o outro, Roger Garaudy discorda de Arendt de que essa formação decidirá como a pessoa será para o resto de sua vida. Ele vê uma possibilidade de negação.

Para Garaudy, o ser humano tem a capacidade de romper com suas condicionantes deterministas a partir do momento em que compreende seus postulados (sua ideologia, suas crenças, ideais).

Ele faz uma diferenciação entre postulado como dogmatismo e postulado como fé. Quando não se tem consciência de seu próprio postulado, quando suas ações são movidas pela crença irracional em verdades absolutas, é dogmatismo. Quando se tem consciência, quando se tem coerência entre o pensar e o agir, é fé.

Portanto, Garaudy afirma, como solução para todos os acomodados em suas verdades, o uso da razão no autoconhecimento. Questionar o que pensa, o que acredita, o que move suas ações, e com isso quebrar com o determinismo de nosso berço. Com isso construir um postulado consciente, um princípio que oriente como viveremos e pelo que viveremos, a verdadeira fé.

Seria, portanto, a razão lógica a solução para as crises de nosso tempo?

O que Garaudy mais enfatiza em seu texto é a necessidade de compreender o humano por inteiro. A crise atual é decorrência da deturpação das potencialidades e dos valores humanos. A lógica racional, os sentimentos, a empatia, os sonhos, a fé, são todas capacidades humanas que apenas juntas, compreendidas como um todo, pode o ser humano atingir sua plenitude e “transcender”.

E como resolver as crises de nosso tempo? Pela mudança individual? Ou a crise no mundo será resolvida pelas instituições que nos asseguram ter o poder e o monopólio de resolvê-las?

A ciência se compromete a desenvolver tecnologias que nos libertem, que facilitem o viver. A ciência se glorifica como a lógica racional que desbrava os mistérios da natureza e ilumina o ser humano com a luz do conhecimento.

Assim como Garaudy critica o desconhecimento dos postulados nos dogmáticos, o critica também na ciência. A ciência atualmente desenvolve por desenvolver, trabalha por trabalhar. Nenhum princípio maior move a ciência, nenhum fim. Ela move apenas pelo meio. Faz descobertas porque pode, cria invenções e tecnologias porque pode criá-las.

As invenções tecnológicas espalhafatosas desses dias nos são realmente úteis? Ou o problema está apenas em seu uso?

Como no filme “Desconectados”, o ser humano caminha para um afastamento contínuo um do outro, para uma frieza exponencial nas relações humanas. “Fitibuki”, “Tinder”, “Whatsap”. O futuro distópico de Aldous Huxley e tantos outros não está tão longe. Para muitos, não é preciso nem dar alguns passos, basta levantar a cabeça e olhar ao redor. Bares, restaurantes, estádios, aulas, shoppings, ruas, parques, casas: Todos mergulhados em um mundinho virtual. Será que a luz do conhecimento pela qual a ciência enfim nos penetraria é essa que vem da telinha do IPhone?

Poderia a ciência resolver as crises de nosso tempo?

A religião se compromete há séculos a responder sobre a vida. “Em princípio, é missão delas dizer quem é Deus e quem é o homem”, e ela vem dizendo e mandando faz muito tempo. Podemos, hoje, acreditar em suas respostas sobre a fé? Sobre o porquê de vivermos, quem somos nós, se existe um Deus?

Como a ciência, Garaudy vê a religião e as igrejas como instituições perdidas, que não reconhecem seus postulados e não tentam fazer real reflexão sobre as perguntas que assumem responder. Ao invés, gastam seus anos tentando adequar suas palavras às descobertas da ciência, ou tentando negá-las. Empreendem uma guerra irracional e dogmática da qual jamais o povo se beneficiará.

Poderia a religião e as igrejas resolverem as crises de nosso tempo?

Garaudy cita as Greves Gerais que aconteceram na França em 1968, em uma incrível semelhança com as Revoltas de Junho de 2013 no Brasil e os movimentos atuais Pró-Impeachment.

Na França, 10 milhões de grevistas saíram às ruas, das mais diferentes camadas sociais, bradar contra o modelo capitalista de desenvolvimento, e contra o modelo socialista de oposição (centralizado na URSS).

O resultado é o que chamo de “Resiliência do Sistema”. O Estado, de direita, consegue cooptar maravilhosamente todas as camadas do movimento sem sofrer nenhum abalo em seu modelo – na verdade, saiu melhor do que estava antes. E o problema não é apenas a vil direita. É a democracia representativa, os partidos políticos.

Como no Brasil em 2013, na França em 68 o povo saiu às ruas com gritos de insatisfação com as coisas tais como estavam. A direita pensou em repreensão ou em cooptação. A esquerda pensou em reformismo ou negação. Os reformistas quiseram canalizar os protestos nas cédulas de voto (a bela democracia representativa), distribuindo cargos eleitorais e acreditando que realmente conseguiriam conduzir os 10 milhões atrás de sua bandeira. O partido comunista, em mais uma incrível demonstração da genialidade dos ditos seguidores de Marx e Stálin, negou as reivindicações do povo. Os protestos não vieram da direção do partido, então eram inválidos.

Obviamente, a direita que tentou cooptar a multidão foi bem-sucedida. Absorveu o grito dos grevistas, de quererem se empoderar do próprio destino, de auto gerir os meios e determinar seus objetivos, e transformou em “participação nos lucros da empresa”, em co-gestão do capitalismo. Os outros exemplos de como o sistema conseguiu cooptar cada setor grevista apenas reforçam (1) a incompetência da esquerda, e (2) como o capitalismo consegue absorver todas suas crises, ao contrário do que Marx sonhava, e transformá-las em novo combustível para seu implacável e insaciável progresso.

No Brasil, vimos como partidos e instituições políticas cooptaram, aos poucos, os protestos de junho de 2013. O que começou com Mobilidade Urbana, um questionamento sobre o modelo capitalista na cidade, tinha em seus últimos protestos bandeiras das mais variadas: “Menos Impostos”, “Não Vai ter Copa”, “Contra a Corrupção”, “Contra a PEC 37”, “Reforma Política” e o primeiro indicativo do que estava por vir: “Intervenção Militar Já!”

Após a reeleição de Dilma em 2014, presenciamos durante 2015 o crescimento rápido e absurdo das manifestações pelo Impeachment da presidenta. Alguns dias atrás foi aprovado em comissão da Câmara um relatório favorável ao Impeachment. Daqui 3 dias o mesmo será votado no plenário da Câmara dos Deputados, com muita chance de ser aprovado.

A tendência, pois, é que o sistema retroceda a modelos mais exploradores e opressores que o atual. Um curioso desenvolver dos protestos pela Mobilidade Urbana, e incrivelmente similar à reação conservadora exitosa na França em 68, que não poderia passar aqui em branco.

Poderiam os Partidos Políticos resolverem as crises de nosso tempo?

Compreendendo essa capacidade de “Resiliência do Sistema”, pela qual vemos o Capitalismo ressurgindo mais forte de cada crise que passa, desde as econômicas até a recente crise alimentar e ambiental, absorvida como Revolução Verde e Mercado do Carbono, entendemos que qualquer verdadeira mudança terá que ser agressiva e revolucionária para conseguir quebrar essa resiliência. O reformismo é no máximo paliativo.

Como revolucionar verdadeiramente o mundo? Como acabar com o capitalismo, que obviamente não tem como postulado a emancipação humana e seu bem-estar? Como encontrar soluções reais para as crises de nosso tempo?

Para Garaudy o passado não existe para aprovar o presente, assim como o futuro para prolongá-lo. Devemos estudar o passado para compreender aonde pessoas e povos acertaram e erraram. O livro “Colapso – Como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso”, De Jared Diamond, dialoga nesse mesmo entendimento. O passado é rica fonte de conhecimento sobre a natureza humana, sobre a reação de pessoas e sociedades a diferentes crises, sobre o conhecimento de povos e sábios sobre a psique humana e suas relações.

Já o futuro é o que fazemos. Não é o prolongamento inevitável do que aconteceu e acontece. Não, o futuro está em nossas mãos! É o que fazemos no presente, o que deixamos de fazer. Construímos nosso futuro diariamente, devemos assumir responsabilidade por ele.

Enquanto as crises ambientais são o principal foco do livro de Diamond, Garaudy as compreende como faceta de uma crise maior, a das relações humanas.

É essa a crise que Einstein se preocupava, surpreendido pela indiferença das pessoas na relação com o outro. Como alguém pode dar de ombros com tantas pessoas morrendo ou à beira da morte?

Einstein, Arendt, Garaudy e o filme “Desconectados” veem a crise de nosso tempo como uma crise na relação com o outro. É uma crise em como o “eu” se relaciona com o mundo, mas vai além de um problema de personalidade. É uma crise de valores, de postulados, de sentimentos, de empatia.

Não compreendemos crianças como crianças. Desmamamos elas com celulares, fazemos o que elas querem. As jogamos o mais cedo possível em algum jardim de infância, e nos fins de semana as levamos à praça e as ensinamos a gritar “Fora Comunistas”. Nos relacionamos com o outro através de telas, através de falas de outras pessoas. Banalizamos a maconha, a cerveja, o sexo, a música, a relação. Quanto mais efêmero e com mais pessoas, melhor, a intimidade e a carência viram publicações no “Fitibuki”.

O que fazer? Pode a pequena mudança, na humanização das relações com o outro, revolucionar o que é maior e mais complexo?

Vejo vídeos de homens e mulheres, com a camisa do Brasil, espancando transeuntes, com a camisa vermelha. Vejo um rapaz com uma camisa escrita “Free Hugs[[1]](#footnote-1)” em uma manifestação pró-Trump, nos Estados Unidos, sendo ameaçado de apanhar caso fosse “anti-Trump”, quando só queria distribuir abraços. Vejo homens fardados com o uniforme da P.M. treinando seu poder de matar em uma vaca, fuzilando-a em praça pública. Vejo índios sendo queimados por playboys, moradores de rua chacinados por policiais, políticos fascistas ocupando cargos na democracia.

Acho difícil que uma mudança tão pequena, na relação “eu e tu”, possa revolucionar o mundo e emancipar esse povo sofrido. Mas, apesar de pequena, é a mudança mais poderosa possível. E temos que começar em algum lugar.

1. Abraços Grátis [↑](#footnote-ref-1)